



## TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS NO ÂMBITO DO PROJETO DE “VALORIZAÇÃO PERCURSO UNIVERSIDADE / ARCO DE ALMEDINA – R. BORGES CARNEIRO, R. DO NORTE, LARGO JOSÉ RODRIGUES E R. DE S. JOÃO”, COIMBRA

Joana Garcia<sup>1</sup>

### SITUAÇÃO DE REFERÊNCIA

#### - Localização -

O presente resumo refere-se às sondagens arqueológicas de diagnóstico prévio, realizadas entre abril e maio de 2019, no âmbito do projeto designado por “Valorização percurso Universidade / Arco de Almedina – Rua Borges Carneiro, Rua do Norte, Largo José Rodrigues e Rua de S. João”, que consistia na requalificação do referido percurso, nomeadamente na repavimentação dos passeios, no melhoramento das condições de acessibilidade, alteração das pendentes das ruas, implementação/reorganização do sistema de recolha de resíduos, organização do estacionamento e trânsito nas Ruas Borges Carneiro e S. João e ainda no acesso ao largo junto ao Palácio dos Melos, pelas traseiras da Faculdade de Letras. O projeto contemplava ainda a reformulação de alguns sistemas

infraestruturais, como as Redes de Eletricidade e Telecomunicações, as Redes de Drenagem de Águas Residuais e Pluviais e a instalação da Rede de Gás Natural. Salienta-se que o mesmo passava apenas na zona mais a sul do Largo José Rodrigues, já na Rua Borges Carneiro, não atingindo de facto aquele largo, uma vez que foi remodelado há relativamente pouco tempo.

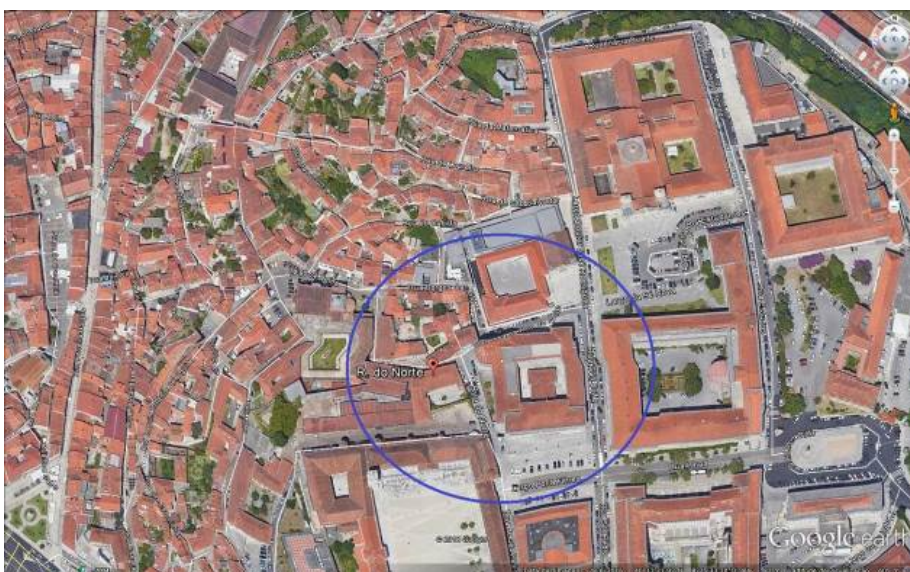


Figura 01 – Localização do espaço intervencionado através de fotografia aérea (<http://www.googleearth.com>)

O local da empreitada encontra-se inserido na União das Freguesias de Coimbra (Sé Nova, Santa Cruz, Almedina e São Bartolomeu), concelho e distrito de Coimbra. Localizava-se igualmente dentro de três servidões administrativas relativas ao Património Classificado.

<sup>1</sup> Técnica Superior de Arqueologia, Divisão de Gestão Urbanística Centro, Câmara Municipal de Coimbra



### **- Enquadramento legal –**

Os trabalhos arqueológicos enquadraram-se na categoria C, alínea c), do artigo 3.º, do Decreto-Lei n.º 164/2014 de 04 de novembro – Novo Regulamento dos Trabalhos Arqueológicos, que preconiza ações preventivas e de minimização de impactos integradas em estudos, planos, projetos e obras com impacto sobre o território em meio rural, urbano e subaquático. Ressalva-se também o cumprimento da Lei 107/2001 de 8 de setembro (Lei de bases da política e do regime de proteção e valorização do Património Cultural), Regulamento Municipal de Urbanização e Edificação, Taxas e Compensações Urbanísticas do Município de Coimbra – RMUE e do Plano Diretor Municipal - PDM.

Todo o trabalho realizado pela equipa de arqueologia respeitou os termos da legislação em vigor. A ação arqueológica foi precedida da obtenção da licença junto da entidade competente e sucedida pelo envio de um documento final, ainda em fase de aprovação.

### **- Equipa técnica -**

Os trabalhos arqueológicos foram da responsabilidade científica da arqueóloga Joana Garcia. O apoio da antropológico foi efetuado pela antropóloga Carmen Pereira. A ação arqueológica contou com o auxílio dos assistentes operacionais Amílcar Rodrigues, António Monteiro e Delfim Almeida.

### **- Contexto do património histórico-arqueológico –**

A intervenção localizava-se no centro histórico de Coimbra, na encosta Poente desde as cotas mais altas da zona da Universidade – Faculdade de Letras e antigos edifícios das Faculdade de Medicina e de Farmácia – e Museu Machado Castro, até às cotas mais baixas, junto ao Largo da Sé Velha.

O testemunho mais antigo deste espaço é um conjunto de materiais pré-romanos recolhidos em trabalhos arqueológicos efetuados no Museu Nacional de Machado de Castro. Embora tenham surgido em contextos secundários, estes indícios de um período anterior ao romano, são bastante relevantes dada a sua escassez (ALMEIDA, SILVA e VILAÇA, 2015: 40) na cidade de Coimbra.

O antigo fórum da cidade romana ladeava a atual Rua Borges Carneiro. Inicialmente aquele monumento terá sido erguido no período de Augusto, tendo sofrido obras de remodelação/ampliação em meados do século I d. C., passando a ser constituído por 2 níveis de galerias abobadadas. Esta transformação desenvolveu-se numa plataforma artificial sobre um monumental criptopórtico localizado no terreno declivoso que pende para Oeste (SILVA, 2011: 79). Subsequentemente, nesta área, o espaço é reorganizado, nomeadamente, é estabelecida uma nova remarcação de um dos principais eixos viários da cidade – o *decumanus maximus*.



Os trabalhos arqueológicos realizados de 2008 a 2011, no âmbito da reestruturação do Museu Nacional de Machado de Castro, possibilitaram uma nova visão da zona Poente do criptopórtico. Assim, neste alçado ficou visível um fontanário, que seria abastecido por uma nascente que germinava no subsolo do criptopórtico.

As estruturas identificadas, no gaveto entre a Rua Borges Carneiro e o Beco das Condeixeiros, tratam-se de um muro intercalado por 4 bases de pilar e vestígios de uma possível insula.

É também neste gaveto que surgiu um troço da *cloaca maxima*, ao longo de quase 10m, onde desembocam dois pequenos ramais, um para Norte e outro para Sul. Todas as construções são abobadadas e assentam no substrato geológico de calcário dolomítico.

Com base, nas investigações de Ricardo Silva e Pedro Carvalho (Idem: 79-99), é possível supor que a localização da *cloaca maxima*, seguiria o eixo de uma das principais artérias da cidade (*decumanus maximus*), via que estaria ladeada por um edifício com uma fachada porticada. No mesmo espaço subsistiram ainda estruturas de época anterior, com orientação diferente das anteriormente mencionadas, que seriam, provavelmente, um edifício do período augustano, que terá sido desmantelado apenas em meados do século I d. C. Dada a localização de um pavimento em *opus signinum* e patamares escalonados, supõe tratar-se de um sítio ocupado por oficinas dedicadas a atividades artesanais ou industriais, talvez uma *fullonica*, estabelecimento dedicado à lavagem e branqueamentos de tecidos e roupa usada (Idem).

O atual Museu Nacional de Machado de Castro subjaz por cima do criptopórtico e abrange o antigo Paço Episcopal e a Igreja de São João de Almedina. Remonta ao século XII, a residência dos bispos de Coimbra neste local, período a que pertence a porta de duplo arco ultrapassado de influência mudéjar, parte integrante de uma cerca. O edifício hoje visível foi fruto de duas grandes reformas, uma da época de D. Jorge de Almeida, datada dos últimos anos da era quinhentista e outra, bastante mais marcada, do tempo de D. Afonso Castelo Branco, que se reporta à centúria seguinte (Departamento de Cultura, 2009a: 490). A Igreja de S. João de Almedina foi erguida inicialmente por volta de 1129, e serviu, provavelmente desde tempos medievais, como capela episcopal. Terá sido reconstruída no período do bispo conde D. João de Melo (1650-1704). Possui elementos decorativos provenientes de outros monumentos, nomeadamente 2 portais, um oriundo do Colégio de S. Tomás e outro do Convento de Santa Ana, o 1.º pertence ao século XVI e o 2.º ao século XVII (Idem).

Parte da zona que integra a intervenção sofreu profundas alterações com as obras da Cidade Universitária na altura do Estado Novo, nomeadamente a Rua de S. João e sobretudo a parte Sul/Este da Rua do Norte. As demolições tiveram início em 1943, sob a orientação do arquiteto Cottinelli Telmo e posteriormente por Cristino da Silva. Com elas, desapareceram casas particulares, estabelecimentos comerciais e vários edifícios considerados património histórico, tendo ficado desalojadas cerca de duas mil pessoas (Departamento de Cultura, 2009b: 155). O principal objetivo destas obras de grande volumetria, segundo o governo da altura, era o de dotar a Universidade com instalações próprias e adequadas às exigências dos seus estudos (Idem: 158).



A intervenção coincide ainda com a parte posterior da vetusta Catedral, Sé Velha (assim designada a partir de 1772), denominada antigamente por “Santa Maria Colimbricense” (VASCONCELOS, 1993). No seu largo confluíam diversas vias de comunicação, refletindo-se a sua importância na prevalência das principais atividades do burgo, bem como pelo domínio de residências pertencentes a habitantes privilegiados nas suas imediações, antes da expansão da urbe para o arrabalde, a partir do século XVI (CORREIA, 1945). Arquitetonicamente, o fulcro deste monumento remonta ao século XII, no entanto, ao longo dos séculos tem sofrido várias modificações.

Na centúria de oitocentos, Coimbra também sofreu um desenvolvimento considerável, quer em termos demográficos, sociais, económicos, culturais, mas também a nível industrial (MENDES, 2017). É neste âmbito, que a cidade foi dotada na sua área principal de um sistema de infraestruturas de recolha de águas e esgotos. Vestígios dessa obra de grande envergadura são ainda visível por toda a zona mais antiga da cidade, alguns ainda pertencentes àquela época, outros já com remodelações, reestruturações e tantas alterações que se encontram descaracterizados. No entanto, a maioria pauta-se por uma estrutura comum, constituída por dois muros laterais de alvenaria, por norma, em pedra calcária, encimado por grandes lajes (em calcário ou xisto), tendo por pavimento lajes em pedra, ou uma composição de seixos rolados ou estão assentes no próprio substrato de calcário dolomítico. Frequentemente, estas estruturas não são já funcionais porque se encontram entulhadas ou provocam muitas infiltrações para o subsolo. No entanto, não deixa de ser curioso verificar que algumas delas, quando subsistem, ainda estão em funcionamento.

Relativamente à topografia e à toponímia das ruas intervencionadas é possível descrevê-las da seguinte forma:

- A Rua do Norte e a Rua Borges Carneiro são artérias sinuosas e de acentuados declives, consolidadas por edifícios seculares.
- A Rua Borges Carneiro teve três topónimos distintos e foi mantendo ao longo dos tempos as suas características medievais, tortuosidade e aspeto das construções. Desenvolve-se desde o Largo da Sé Velha à Rua de S. João. Desde pelo menos 1106, era conhecida por Rua das Covas, podendo esta identificação estar relacionada com a proximidade da Sé Velha e do enterramento nos adros das igrejas, que poderiam chegar até às imediações da dita artéria (Idem: 193). Ou noutra opção, talvez, o topónimo “Covas” seja oriundo, do aspeto do criptopórtico, que exteriormente apresentava várias aberturas, que fariam lembrar covas, palavra que na Alta Idade Média, derivando do castelhano “cuevas”, teria o sentido de grutas e/ou subterrâneos, como afirma Jorge de Alarcão, citado por Ricardo Silva (2015: 38).

Esta via aparece ainda em dois documentos diferentes com a referência de Rua dos Tigelos. Com o deferimento do pedido da Comissão Executiva da Associação Liberal de Coimbra, a antiga Rua das Covas passa a designar-se a partir de 20 de abril de 1883, de Rua Borges Carneiro (LOUREIRO, 1964: 193).



- A Rua do Norte, em parte já desaparecida em consequência das obras de construção da Cidade Universitária, estendia-se do Largo da Sé Velha à Rua Larga, junto à Porta Férrea da Universidade. Em documentos oficiais aparece a sua denominação desde pelo menos o séc. XVIII.
- O Largo Dr. José Rodrigues tem a atual denominação desde 1928, sendo anteriormente chamado de Largo de São João, devido a ter como um dos limites a Igreja de São João de Almedina (Idem).

## DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS

Os trabalhos arqueológicos decorreram em várias artérias situadas na Alta da Cidade de Coimbra, junto ao núcleo urbano mais antigo da urbe. Procedeu-se à execução de 6 sondagens arqueológicas de diagnóstico prévio, repartidas ao longo do traçado geral das artérias a intervencionar, em zonas que não colidissem com o trânsito automóvel, respeitando sempre a sequência de unidades estratigráficas, para avaliação das áreas a afetar na obra em apreço. Mediante a dimensão do espaço abrangido e assim como da longa diacronia da ocupação urbana da zona histórica em que se enquadra o projeto, considera-se que as sondagens de diagnóstico arqueológico efetuadas, revelaram apenas uma pequena amostragem do que pode vir a ser detetado ao longo da empreitada. Nessa conformidade é fundamental salientar que o processo de obra deverá ser encarado com a consciência da morosidade inerente às eventualidades do potencial arqueológico da área de afetação, consoante o acompanhamento arqueológico dos trabalhos, exercido de forma constante aquando da fase de obra, metodologia de trabalho que poderá ser alterada tendo em conta os eventuais contextos detetados.

Este processo de sondagens decorreu na Rua Borges Carneiro, Rua do Norte e Rua de S. João. A zona das sondagens arqueológicas de diagnóstico prévio caracterizava-se pela pontual localização de infraestruturas recentes de índole variada, mas sobretudo pela identificação de camadas resultantes de terras de enchimento.



Figura 02 – Estrutura localizada na sondagem 6



Figura 03 – Peso de tear, identificado uma sondagem na Rua do Norte



Apesar do grande revolvimento do subsolo, aparentemente na sondagem 1, surgiram dois níveis de argamassa, com uma espessura razoável, que parecem remeter para a constituição de pavimentos rudimentares. Foi ainda possível identificar vestígios de uma estrutura (estrutura 1), na sondagem 6, composta na parte superior por lajes calcárias. Este elemento deveria fazer parte do sistema de recolha de águas e/ou saneamento, cuja cronologia não foi possível auferir. Denotou-se ainda o aparecimento de algum material interessante, como a identificação de um peso de tear, material pouco revelado dentro dos limites da cidade antiga.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto refere-se à fase de realização das sondagens arqueológicas de diagnóstico prévio decorrentes no âmbito da empreitada de “Valorização percurso Universidade / Arco de Almedina – Rua Borges Carneiro, Rua do Norte, Largo José Rodrigues e Rua de S. João”. Nessa intervenção foram efetuadas 6 sondagens arqueológicas, o subsequente acompanhamento arqueológico encontra-se em curso e a ser efetuado por uma equipa externa ao município.

Na sequência dos resultados desta intervenção arqueológica, reforça-se a importância deste género de ações em zonas de elevada riqueza patrimonial, que viabilizam um conhecimento mais profundo da “vida” e da própria génese histórica da cidade de Coimbra.

## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge (1979). As Origens de Coimbra. *I Jornadas de Arqueologia e Arte do Centro*. Coimbra. GAAC: 23-40.
- ALARCÃO, Jorge de, (1999). A Evolução Urbanística de Coimbra: das Origens a 1940. *Actas do I Colóquio de Geografia de Coimbra em 1996*. Nº especial de Cadernos de Geografia: 1-10.
- ALARCÃO (2008). *Coimbra: A montagem do cenário urbano*. Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto. Fundação Calouste Gulbenkian. Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra.
- ALMEIDA, Sara; SILVA, Ricardo C. e VILAÇA, Raquel (dez. 2015). Testemunhos da Ocupação Pré-Romana no Forum de Aeminium (Coimbra, Portugal). *Antrope – Evidências em Arqueologia: os êxitos de que quer (re)construir Sociedades*. N.º 3. Instituto Politécnico de Tomar: 39-63.
- CORREIA, António, (1945). *Toponímia Coimbrã*. Vol. II. Coimbra. Ed. Biblioteca Municipal.
- Departamento de cultura (2009a). *Património Edificado com Interesse Cultural - Concelho de Coimbra*. Gabinete de Arqueologia, Arte e História. Câmara Municipal de Coimbra.
- Departamento de cultura (2009b). *Coimbra na Época Moderna, A Universidade e a Sua História*. Gabinete de Arqueologia, Arte e História. Câmara Municipal de Coimbra.
- LOUREIRO, J. Pinto, (1960 e 1964). *Toponímia de Coimbra*. Tomo I e II. Coimbra.
- MENDES, José Amado (2017). *Saneamento e Águas Residuais em Coimbra: descoberta das suas origens, 1870 – 1910*. Folheto da Exposição Museu da Água – 21 de março a 7 de maio.
- SILVA, Ricardo Costeira da (2015). *O Museu Nacional de Machado de Castro – um ensaio de arqueologia urbana em Coimbra: do fórum augustano ao paço episcopal de Afonso de Castelo Branco*. Volume I e II. Universidade de Coimbra [policopiado].
- VASCONCELOS, António de (1993). *A Sé Velha de Coimbra*. Vol. I e II. Reedição. Arquivo da Universidade de Coimbra.

### Internet:

<http://www.googleearth.com> (consultada em janeiro de 2019).

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/> (consultada em janeiro de 2019).